



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

## Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

# Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Willian Douglas Guilherme

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme  
Organizador

## SUMÁRIO

### HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

**DOI 10.22533/at.ed.9272021091**

#### **CAPÍTULO 2..... 18**

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

**DOI 10.22533/at.ed.9272021092**

#### **CAPÍTULO 3..... 28**

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

**DOI 10.22533/at.ed.9272021093**

#### **CAPÍTULO 4..... 39**

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

**DOI 10.22533/at.ed.9272021094**

#### **CAPÍTULO 5..... 46**

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.9272021095**

#### **CAPÍTULO 6..... 58**

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

**DOI 10.22533/at.ed.9272021096**

## **TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE**

### **CAPÍTULO 7..... 70**

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

**DOI 10.22533/at.ed.9272021097**

### **CAPÍTULO 8..... 77**

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

**DOI 10.22533/at.ed.9272021098**

### **CAPÍTULO 9..... 87**

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.9272021099**

### **CAPÍTULO 10..... 97**

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

**DOI 10.22533/at.ed.92720210910**

### **CAPÍTULO 11..... 109**

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

**DOI 10.22533/at.ed.92720210911**

### **CAPÍTULO 12..... 121**

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.92720210912**

### **CAPÍTULO 13..... 133**

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

**DOI 10.22533/at.ed.92720210913**

**CAPÍTULO 14..... 146**

O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO

Matheus de Araujo Martins Rosa

DOI 10.22533/at.ed.92720210914

**CAPÍTULO 15..... 156**

CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Ana Lígia Trindade

Patrícia Kayser Vargas Mangan

DOI 10.22533/at.ed.92720210915

**CAPÍTULO 16..... 166**

DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO

Jéssica Viana Marques

João Balduino de Brito Neto

Mikaela Dantas Tavares

DOI 10.22533/at.ed.92720210916

**CAPÍTULO 17..... 173**

RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Rodrigo de Moraes Guerra

DOI 10.22533/at.ed.92720210917

**CINEMA, LITERATURA E ARTE**

**CAPÍTULO 18..... 183**

A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Harley Pereira Silva

DOI 10.22533/at.ed.92720210918

**CAPÍTULO 19..... 192**

OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA

Mirela Bansi Machado

DOI 10.22533/at.ed.92720210919

**CAPÍTULO 20..... 201**

DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)

Natália Gomes da Silva Machado

DOI 10.22533/at.ed.92720210920

**CAPÍTULO 21.....217**

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.92720210921**

**CAPÍTULO 22.....229**

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

**DOI 10.22533/at.ed.92720210922**

**CIDADES E PARTICULARIDADES**

**CAPÍTULO 23.....242**

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

**DOI 10.22533/at.ed.92720210923**

**CAPÍTULO 24.....255**

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

**DOI 10.22533/at.ed.92720210924**

**CAPÍTULO 25.....267**

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.92720210925**

**CAPÍTULO 26.....279**

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.92720210926**

**CAPÍTULO 27.....284**

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

**DOI 10.22533/at.ed.92720210927**

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>294</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>295</b>

# CAPÍTULO 17

## RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 03/06/2020

**Rodrigo de Morais Guerra**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(UFRN)

Natal – Rio Grande do Norte

<http://lattes.cnpq.br/6400434273588299>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar as Declarações da Selva Lacandona visando identificar o lugar de fala zapatista. Compreendendo este movimento como fruto de um processo histórico de longa duração, no qual o poder colonial perpassou as épocas, buscamos, na análise do discurso zapatista, compreender um pouco mais de suas demandas, identidades e aspirações de projeto enquanto um movimento que traz à tona o debate acerca da autonomia indígena, bem como Libertação Nacional frente ao colonialismo histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zapatismo; Análise do Discurso; Movimentos Sociais; História da América Latina; História do Tempo Presente.

### RESCUING VOICES AND REMEMBERING

1. Data emblemática, pois marcava a entrada em vigor do NAFTA (North American Free Trade Agreement), ou TLCAN (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), novo bloco econômico dos países americanos do Norte. Elaborado em fevereiro de 1991 pelos presidentes Brian Mulroney, do Canadá, George Bush, dos Estados Unidos e Carlos Salinas de Gortari, do México, o tratado foi aprovado em 17 de novembro de 1993 e entrou em vigor no dia primeiro de janeiro de 1994, representando um avanço da política econômica neoliberal no continente – não à toa, a dará foi, também, escolhida para ser o dia da insurgência zapatista.

2. Indígenas de origem *maya* representantes das etnias *tzeltales*, *choles*, *tzotziles* e *tojolabales*. BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas**: o já basta da resistência zapatista. São Paulo: Alfarrabio, 2002, p. 18.

3. Alguns autores utilizam o termo “neozapatistas”, para se referirem ao movimento insurgido no levante de 1994, levando em consi-

### STORIES: THE ZAPATIST STANDPOINT IN THE DECLARATIONS OF THE LACANDONA JUNGLE

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the Declarations of the Lacandona Jungle in order to identify the standpoint of Zapatist speech. Understanding this movement as the result of a long-lasting historical process, in which colonial power passed through the ages, we seek, in the analysis of the Zapatista discourse, to understand a little more of its demands, identities and aspirations as a movement that brings to light the debate about indigenous autonomy, as well as National Liberation in the face of historical colonialism.

**KEYWORDS:** Zapatism; Analysis of the speech; Social movements; Latin American History; History of the Present Time.

### 1 | A INSURGÊNCIA ZAPATISTA E AS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Na madrugada do dia 1 de janeiro de 1994<sup>1</sup>, o México e o mundo foram surpreendidos por um levante armado, encabeçado por povos indígenas<sup>2</sup>, no longínquo estado de Chiapas. Representados em nome do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), estes indígenas deram início ao *movimento zapatista*<sup>3</sup>.

Remetendo, diretamente, a Emiliano Zapata, líder do Exército Libertador do Sul durante a Revolução Mexicana de 1910, os zapatistas chamaram a atenção por diversos aspectos que diferenciavam sua insurgência das ditas revoluções tradicionais, recorrentes no século passado no contexto latino-americano: não almejavam tomar o poder (uma herança direta das práticas e discursos de Zapata); não se autointitulavam revolucionários, mas *rebeldes*<sup>4</sup>; utilizaram-se das armas como um recurso, não como um fim; buscaram apoio nacional e internacional através da *internet*, ferramenta, até então, pouco conhecida e explorada; e, entre outras peculiaridades, os zapatistas se destacaram e despertaram o interesse ao redor do globo muito em função dos seus manifestos e habilidades retóricas ao trançar suas dores, suas histórias, suas demandas e seus sonhos através das *palavras*.

Dotados de características irreverentes, os *manifestos oficiais* zapatistas surgiram com uma nova forma de se dirigir ao poder institucional e ao povo, os zapatistas fundaram, pois, um manifesto tipicamente zapatista, por meio das *Declarações da Selva Lacandona*. Local de plantio, cultivo e colheita do movimento, a Selva Lacandona, desta forma, aparece como uma dimensão fundamental para a compreensão do zapatismo. Situada no estado de Chiapas, fronteira à Guatemala e palco de diversas transformações e contatos de distintos povos indígenas, é na Selva Lacandona que há o encontro e *hibridação* entre diferentes núcleos que compõem a formação do movimento<sup>5</sup>. Deste modo, compreender as Declarações da Selva Lacandona consiste em compreender, diretamente, as vozes e histórias zapatistas.

Ao total, dispomos de seis declarações lançadas até o presente momento: A *Primeira* e a *Segunda*, ambas lançadas no ano de 1994; a *Terceira*, no ano de 1995; a *Quarta* surge em 1996; em 1998 os zapatistas lançam a sua *Quinta* declaração; e, por fim, no ano de 2005, após anos de silêncio, a *Sexta* e, por hora, última Declaração. Destarte, as Declarações da Selva Lacandona, constituem um conjunto axiomático de fontes para deração que os “zapatistas” seriam os próprios da Revolução Mexicana, os quais lutaram ao lado de Emiliano Zapata. Todavia, por mais que reconheçamos as diferenças, ressignificações e particularidades pertinentes a essa distinção, ainda assim optamos por utilizar o termo “zapatistas”, considerando que isso não provoca nenhuma distorção anacrônica para a compreensão do movimento.

4. Sobre esta distinção entre *revolucionário* e *rebelle*, os zapatistas estabelecem que: “Nós nos definimos mais como um movimento rebelde que luta por mudanças sociais. O termo revolucionário não é tão apropriado porque todo dirigente ou movimento revolucionário tende a querer se tornar dirigente ou ator político. Enquanto que o rebelde social não para nunca de ser um rebelde social. O revolucionário quer sempre transformar as coisas a partir de cima, enquanto o rebelde social quer transformá-las a partir de baixo. O revolucionário se diz: eu tomo o poder e, por cima, eu transformo o mundo. O rebelde social age diferente. Ele organiza as massas e, a partir de baixo, ele transforma pouco a pouco as coisas sem se colocar a questão da tomada do poder. O EZLN é um movimento insurrecional sem ideologia estritamente definida. Ele não corresponde a nenhum dos tipos políticos clássicos: marxismo-leninismo, social-comunismo, castrismo, guevarismo, etc. Nós pensamos que os movimentos revolucionários, mesmo os mais revolucionários, são no fundo arbitrários. O que deve fazer um movimento armado é resolver um problema – falta de liberdade e democracia – e depois sumir. Como nós tentamos fazer atualmente”. Ramonet, 2001, pp. 50-51 *Apud* VARGAS, Sebastião. COM A ARMA DA PALVRA: TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DO SUBCOMANDANTE MARCOS. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v.2, n.2, p. 202-222, 2009, p. 211.

5. O embrião zapatista se deu a partir da hibridação de um núcleo composto por anciãos indígenas *mayas*, um núcleo guerrilheiro marxista-leninista e um grupo de lideranças indígenas formados na Teologia da Libertação, da Igreja Católica. O encontro desses diferentes núcleos, somados situações outras de transformações e vivências na Selva Lacandona, formou o Exército Zapatista.

se estudar o discurso do EZLN e, mais do que isso, constituem nos manifestos oficiais, redigidos pelo “Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral do EZLN”, o que nos permite classifica-las enquanto os *discursos oficiais* destes indígenas rebeldes, representados em nome de seu Exército de Libertação Nacional.

Através das mesmas, poderemos ter contato direto com a voz dos zapatistas, suas demandas, suas aspirações, suas contradições, seus sonhos, seus temores, sua posição política-ideológica e, substancialmente, ao *lugar de fala* no qual estão inseridos e do qual o seu discurso é produto (e o produz). Em suma, sem a pretensão de incorporar todo o conteúdo do discurso zapatista, que é vasto e diversificado, as *Declarações* aparecem como *manifestos oficiais*, ao passo que nos fornecem um conjunto de fontes contundentes para o estudo do discurso e representações deste complexo movimento indígena e latino-americano com a História.

O presente trabalho, portanto, propõe uma investigação dos elementos discursivos, presentes nas Declarações, que destaquem o *lugar de fala* a partir do qual os zapatistas emitem suas demandas e suas relações históricas com a sua insurgência para o mundo, e o seu projeto político de *libertação nacional*. Dessa forma, compreendemos as relações de poder implicadas pelo discurso, a partir de uma concepção foucaultiana acerca do *discurso*:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar sus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2012, pp. 8-9).

Portanto, entendemos que o discurso não deve ser pensado enquanto um conjunto de palavras que pretendem um significado em si, mas sim enquanto um sistema que está diretamente ligado a relações de poder e controle, o que está associado, diretamente, com o seu *lugar de fala*, logo, com a sua *história*.

## 2 | RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS

Ainda no dia 1 de janeiro de 1994, o mundo teve o primeiro contato com as Declarações da Selva Lacandona. Logo em suas primeiras linhas, os zapatistas anunciaram quais são as origens de suas lutas e, portanto, de onde parte o seu discurso. Ao se apresentarem, os zapatistas se definiram como:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos

ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Primera Declaración de la Selva Lacandona, 1994).

Desta forma, a luta dos zapatistas não se resume aos problemas peculiares dos indígenas de Chiapas em fins do século XX, atrelados à política hegemônica do Partido Revolucionário Institucional (PRI) na presidência<sup>6</sup>, mas sim a uma conjuntura política, econômica e social de mais amplo e largo processo histórico. Ao anunciarem que são produto de 500 anos de lutas, os zapatistas apontam para um caráter de *longa duração histórica* (BRAUDEL, 1992) que culminou em seus despojos de condições básicas de vida como um teto digno, terra, trabalho, saúde, alimentação, educação, democracia, independência e justiça. Dentro desta perspectiva, compreendemos, pois, a luta zapatista enquanto uma luta frente ao colonialismo de longa duração, o que Aníbal Quijano (2005) veio a conceituar como *colonialidade do poder*, ou seja, “a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial” (p. 117) e, por conseguinte, relegou os povos colonizados, dentre eles os indígenas, a uma condição social de subjugados, inferiorizados, ou, *primitivos*.

Isto posto, interpretamos no discurso zapatista um alicerce que sustenta uma identidade em comum que perpassou os tempos históricos, de modo que configura-se como uma projeção histórica coletiva, não individual. A identidade, desta forma, como indica Sebastião Vargas, aparece como “uma criação coletiva, que utiliza elementos da memória da luta pela terra, da exclusão social, da busca de justiça e cidadania, o sonho de um mundo melhor, como elos para a união de diversos sujeitos em torno de uma mesma ‘bandeira” (VARGAS, 2007, p. 249). Ou seja, o *lugar de fala* ao qual os zapatistas produzem e reproduzem seus discursos, compreende esta identidade coletiva, construída historicamente, que remete, diretamente, aos povos relegados pela colonização a uma condição de menores, ou, como defende Quijano (2005), a uma condição de *raça inferior*<sup>7</sup>.

6. Após o sucesso da Revolução Mexicana, o Partido Revolucionário centralizou o poder em si e governou o México por mais de 70 anos. Resguardados pela Constituição elaborada após a Revolução, este partido exerceu um poder hegemônico, o que levou o jornalista peruano Jorge Mario Pedro Vargas Llosa a tratar como uma “ditadura perfeita”. Vargas Llosa: “México es la dictadura perfecta”: Españoles, y latinoamericanos intervienen en la polémica sobre el compromiso y la libertad. **El País**. Méxio, 1 de Setembro de 1990. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/1990/09/01/cultura/652140001\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1990/09/01/cultura/652140001_850215.html)>. Acesso em: 25 jan. 2020.

7. De acordo com Aníbal Quijano (2005), um dos eixos fundamentais do padrão de poder hegemônico instituído pela colonização foi “a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo”. QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 117.

Ainda no ano de 1994, seis meses após o levante, os zapatistas lançaram sua Segunda Declaração. Remetendo à condição de povos subjugados historicamente de suas terras, direitos e representatividade na formação da sociedade moderna mexicana, os zapatistas realçaram o caráter *nacional* de sua luta, ao enfatizarem que rechaçam a manipulação e as tentativas de separar suas demandas das do povo mexicano. Mais do que isso, afirmaram que: “somos mexicanos y no dependemos ni nuestras demandas ni nuestras armas si no son resueltas la Democracia, la Libertad y la Justicia para todos” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Segunda Declaración de La Selva Lacandona, 1994).

Com isso, a Segunda Declaração traz à tona de forma mais direta a discussão da participação efetiva dos povos marginalizados, a partir da colonização, na construção democrática do México enquanto país, enquanto nação e enquanto sociedade, nos termos que sejam capazes de “heredar a los mexicanos de pasado mañana un país en el que no sea una vergüenza vivir” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Segunda Declaración de La Selva Lacandona, 1994). Sendo assim, convocam uma Convenção Nacional Democrática e distintos grupos que representam as parcelas minoritárias e excluídas das demandas e da participação ativa democrática na construção do México moderno, para se juntar à luta e resistir junto aos zapatistas:

Por esto nos dirigimos a nuestros hermanos de las organizaciones no gubernamentales, de las organizaciones campesinas e indígenas, trabajadores del campo y de la ciudad, maestros y estudiantes, amas de casa y colonos, artistas e intelectuales, de los partidos independientes, mexicanos: Los llamamos a un diálogo nacional con el tema de Democracia, Libertad y Justicia (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Segunda Declaración de La Selva Lacandona, 1994).

E ainda enfatizam convocando a todos que “dignidad y vergüenza tengan, a todos llamamos a que con nosotros resistan, pues quiere el mal gobierno que no haya democracia en nuestros suelos” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Segunda Declaración de La Selva Lacandona, 1994).

“Mexicanos: los que tenéis la desgracia de vivir bajo el dominio de la usurpación, no os resignéis a soportar el yugo de oprobio que pesa sobre vosotros”. É com essa mensagem de Benito Juárez<sup>8</sup> que os zapatistas abrem a sua Terceira Declaração, no ano de 1995, exatamente um ano após a insurgência. Os zapatistas, aqui, buscam ressaltar a necessidade de se combater o “poder arbitrário” enquanto uma obrigação na luta pela honra do México e da humanidade e finalizam a Declaração, novamente, retomando as

---

8. Indígena de origem zapoteca que governou o estado mexicano de Oaxaca (1847 - 1853) e se tornou um líder na oposição aos conservadores, após a independência mexicana.

conquistas de Juárez e o seu combate frente aos colonizadores: “Como con Benito Juárez frente a la intervención francesa, la Patria marcha ahora de lado de las fuerzas patriotas, contra las fuerzas antidemocráticas y autoritarias. Hoy decimos: ¡La Patria vive! ¡Y es nuestra! ¡Democracia! ¡Libertad! ¡Justicia!” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Tercera Declaración de La Selva Lacandona, 1995).

Como de praxe, novamente, o ano novo mexicano inicia-se marcado pelos fogos e pelas vozes zapatistas. No dia 1 de janeiro de 1996, é lançada a Quarta Declaração, na qual os zapatistas explicitam, ainda mais, a longa duração histórica de suas demandas e o pertencimento de suas ambições não a este grupo guerrilheiro de fins do século XX, mas a todos que resistiram ao colonialismo imperante que perpassou as épocas. A flor da palavra, que veio do fundo da história e da terra, portanto, não pôde ser arrancada pelos colonizadores e seus projetos de México. E afirmam:

Quiere el soberbio apagar una rebeldía que su ignorancia ubica en el amanecer de 1994. Pero la rebeldía que hoy tiene rostro moreno y lengua verdadera, no se nació ahora. Antes habló con otras lenguas y en otras tierras. En muchas montañas y muchas historias ha caminado la rebeldía contra la injusticia. Ha hablado ya en lengua náhuatl, paipai, kiliwa, cúcapa, cochimi, kumiai, yuma, serí, chontal, chinanteco, pame, chichimeca, otomí, mazahua, matlazinca, ocuilteco, zapoteco, solteco, chatino, papabuco, mixteco, cuicateco, triqui, amuzgo, mazateco, chocho, izcateco, huave, tlapaneco, totonaca, tepehua, popoluca, mixe, zoque, huasteco, lacandón, maya, chol, tzeltal, tzotzil, tojolabal, mame, teco, ixil, aguacateco, motocintleco, chicomucelteco, kanjobal, jacalteco, quiché, cakchiquel, ketchi, pima, tepehuán, tarahumara, mayo, yaqui, cahíta, ópata, cora, huichol, purépecha y kikapú. Habló y habla la castilla. La rebeldía no es cosa de lengua, es cosa de dignidad y de ser humanos (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Cuarta Declaración de La Selva Lacandona, 1996).

Dois anos após a Quarta Declaração, em meio à calorosos debates envolvendo os zapatistas, a sociedade civil e o governo mexicano, no tocante à questão da autonomia indígena, os zapatistas lançam a sua Quinta Declaração. Após longo período de diálogos com o governo em busca de um consenso sobre as reivindicações por direitos e autonomia indígena, que ficaram conhecidos como os *Acuerdos de San Andrés*, o governo mexicano, em 15 de março de 1998, enviou uma proposta de reformas na constituição sobre a questão indígena que destoava do acordado com os zapatistas. Com isso, no mês de julho daquele ano, surge a Quinta Declaração da Selva Lacandona afirmando que:

Una ley indígena nacional debe responder a las esperanzas de los pueblos indios de todo el país. En San Andrés estuvieron representados los indígenas

de México y no sólo los zapatistas. Los acuerdos firmados lo son con todos los pueblos indios, y no sólo con los zapatistas. [...] En los Acuerdos se reconoce el derecho a la autonomía indígena y el territorio, conforme al convenio 169 de la OIT, firmado por el Senado de la República. Ninguna legislación que pretenda encoger a los pueblos indios al limitar sus derechos a las comunidades, promoviendo así la fragmentación y la dispersión que hagan posible su aniquilamiento, podrá asegurar la paz y la inclusión en la Nación de los más primeros de los mexicanos. Cualquier reforma que pretenda romper los lazos de solidaridad históricos y culturales que hay entre los indígenas, está condenada al fracaso y es, simplemente, una injusticia y una negación histórica (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Quinta Declaración de la Selva Lacandona, 1998).

Sendo assim, trazem à tona uma discussão que, para além da *liberdade*, *justiça* e *democracia*, exigem também a *autonomia* como elemento fundamental deles enquanto povos indígenas e, concomitantemente, deles enquanto exército, pois se manifesta como uma arma de resistência. Como aponta Pablo González Casanova:

En ese sentido, entendemos que la autonomía aparece como un mecanismo de resistencia para salvaguardar su integridad y su territorio comunitario frente al despojo y el avance del capitalismo, promoviendo otras alternativas de desarrollo bajo sus formas de autogobierno, contra la explotación y dominación propias de colonialismo interno que impera en nuestras sociedades (GONZÁLEZ CASANOVA, 1985 *Apud* FUENTES SANCHEZ, 2019, p. 13).

Por último, após 7 anos de intervalo, no ano de 2005, os zapatistas reaparecem no cenário nacional e global com a sua Sexta Declaração. Esta declaração aparece realizando um balanço sobre tudo o que foi feito nos últimos anos; sobre os conflitos; sobre o avanço em direção à autonomia; sobre as guinadas políticas; e, sobretudo, sobre a amplitude do movimento. A partir da Sexta Declaração, os zapatistas assumem uma posição que já vinha sendo elaborada ao longo da última década: o caráter do movimento para além de um movimento indígena, mas, sim, um movimento *antissistêmico*. Os zapatistas permanecem fiéis à causa indígena, afinal foi o que os permitiu chegar até onde chegaram, mas destacam a amplitude do movimento, ao ponto de terem sido capazes de “tocar el corazón de la gente humilde y simple como nosotros, pero, también como nosotros, digna y rebelde.” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Sexta Declaración de la Selva Lacandona, 2005).

Portanto, os zapatistas assumem uma condição de combate ao colonialismo nos moldes do colonialismo enquanto um *poder hegemônico*, instituído pela colonização e que passou a balizar as relações sociais e econômicas do mundo ocidental moderno. Deixam clara essa intenção ao afirmarem que:

Porque resulta que nosotros del EZLN somos casi todos puros indígenas de acá de Chiapas, pero no queremos luchar sólo por su bien de nosotros o sólo

por el bien de los indígenas de Chiapas, o sólo por los pueblos indios de México, sino que queremos luchar junto con todos los que son gente humilde y simple como nosotros y que tienen gran necesidad y que sufren la explotación y los robos de los ricos y sus malos gobiernos aquí en nuestro México y en otros países del mundo (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, Sexta Declaración de la Selva Lacandona, 2005).

Remetendo, assim, os seus discursos para o âmbito das lutas das “minorias” e “desfavorecidos”, em geral, fazendo da *dignidade* um elo de união e resistência desses povos na luta por um mundo melhor – ou um outro mundo.

### 3 | APONTAMENTOS FINAIS

O estudo de movimentos sociais, sejam eles de caráter de lutas de classes ou étnicas, necessita de um olhar mais profundo de suas raízes, especialmente tratando-se de América Latina, um continente marcado pela exploração e colonização em suas mais diversas naturezas. Como enfatizou Sebastião Vargas (2007)

Os fenômenos sociais não podem ser suficientemente entendidos se nos encerrarmos, para sua consideração, nas temporalidades da curta ou média duração, e que portanto é necessário abrir sempre generosamente a lente temporal de nosso exame, incorporando às nossas explicações estas visões de muito mais largo alento temporal (p. 161).

Com isso, inseridos nessa construção histórica que perpassou as épocas, os zapatistas insurgem para o mundo anunciando o seu “já basta!” na condição de povos que não falam somente por si, mas suas vozes ecoam os gritos e demandas desde a chegada dos colonizadores até os dias de hoje.

Isto posto, as *Declarações da Selva Lacandona*, como defendemos inicialmente, constituem um conjunto axiomático de fontes para se estudar o discurso desses indígenas e da longa duração histórica colonial que atua sobre os mesmos, negando e renegando suas vozes e suas participações ativas na construção do projeto de nação do México. As declarações, não à toa, são intituladas como “da Selva Lacandona”, ou seja, a Selva Lacandona, palco onde foi forjado o exército zapatista e onde reside toda a tradição histórica milenar de seus povos indígenas, está falando, diretamente, aos povos do México e do mundo. A Selva fala, representando, desta forma, a história desses povos.

Em suma, considerando o *lugar de fala* como um espaço de disputas política, logo, de *poder*, o discurso zapatista surge como uma estratégia componente de sua guerra declarada ao Estado mexicano e às mais diferentes formas de colonialismos. As Declarações da Selva Lacandona, como pudemos ver, são permeadas de elementos históricos; referências a antigos heróis nacionais nas lutas contra os interesses coloniais; retórica indígena; metáforas; palavras de ordem; poesias; provocação; ironias; e recursos linguísticos outros. Correspondem, portanto, a um aspecto central da luta zapatista, pois,

ao assumirem o lugar de fala dos excluídos da sociedade, dos colonizados e das minorias, em geral, trazem para si uma força imensa que não apenas legitima seus discursos, como os engrandece frente aos desafios de suas lutas.

## REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista**. São Paulo: Alfarrabio, 2002.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **CUARTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1996. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acessado em: 31 de jul. de 2019.

\_\_\_\_\_. **PRIMERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1994. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primer-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acessado em: 31 de jul. de 2019.

\_\_\_\_\_. **QUINTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1998. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1998/07/17/v-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

\_\_\_\_\_. **SEGUNDA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1994. <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/06/10/segunda-declaracion-de-la-selva-lacandona/>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

\_\_\_\_\_. **SEXTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 2005. <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-es/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

\_\_\_\_\_. **TERCERA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA**, 1995. <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1995/01/01/tercera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acessado em: 31 de jul. de 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. **Autonomías indígenas: resistencias y luchas por el reconocimiento en Nicaragua y México**. Buenos Aires: El Colectivo, 2019. 204 p.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **La democracia en México**. Era, México, 1985.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAMONET, Ignacio. **Marcos: la dignité rebelle – conversations avec le sou-commandant Marcos**. Paris, Galilée, 2001.

Vargas Llosa: “México es la dictadura perfecta”: Españoles, y latinoamericanos intervienen en la polémica sobre el compromiso y la libertad. **El País**. México, 1 de Setembro de 1990. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/1990/09/01/cultura/652140001\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1990/09/01/cultura/652140001_850215.html) >. Acesso em: 25 jan. 2020.

VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A MÍSTICA DA RESISTÊNCIA**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos. São Paulo, USP. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2007

VARGAS, Sebastião. COM A ARMA DA PALVRA: TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DO SUBCOMANDANTE MARCOS. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v.2, n.2, p. 202-222, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adesismo 18  
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187  
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

### B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165  
Barão do Abiahy 18, 19  
Brasil Colonial 166, 172  
Brasil Império 18, 19

### C

Cesare Brandi 267, 268, 278  
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275  
Cristãos-novos 284  
Cronologia 122, 146, 154, 155  
Cultura Cigana no Brasil 133

### D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172  
Descaracterização 279, 280, 281, 282  
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289  
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260  
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

### E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237  
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

### F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

## **G**

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

## **H**

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

## **I**

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

## **J**

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

## **L**

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

## **M**

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

## **N**

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

## **P**

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

## **Q**

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

## **S**

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

## **T**

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

## **U**

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

## **V**

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

## **Z**

Zapatismo 173, 174

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Pluralidade de Temas e Aportes  
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Pluralidade de Temas e Aportes  
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História